



Terapia Familiar Sistêmica: um breve histórico

Juares Soares Costa

Talvez Freud , em sua genialidade, tenha sido o primeiro a ocupar - se das relações familiares e de suas consequências para o psiquismo humano . Em muitos de seus relatos clínicos encontramos verdadeiras histórias familiares .

Mas o grande desenvolvimento, e contribuição da psicanálise, foi no sentido de criar um privilegiado instrumento para a ampliação da consciência, para o insight individual . Ao longo da primeira metade do séc. XX , muitos terapeutas e pesquisadores aproximaram - se das questões familiares , desenvolvendo técnicas para trabalhar com as famílias . Muitos , especialmente os psicanalistas, foram limitados pela rigidez do establishment, que proibia a contaminação da terapia individual dos paciente com a inclusão de parentes em sessões de psicoterapia .

Mas quase todos estes trabalhos pioneiros ressentiam - se de não encontrar uma linguagem adequada que pudesse dar conta das interações interpessoais , da comunicação, em suma, do modo de funcionamento dos grupos humanos, entre eles a família . À partir das demandas sociais crescentes após o final da Segunda guerra mundial , houve uma grande inversão de recursos em pesquisas sobre a comunicação dos seres vivos , e na busca de compreensão dos mecanismos reguladores, do que começava a ser chamados de sistemas vivos. A Cibernética , especialmente com os conceitos de feed - back , homeostase , auto - regulação , e a Teoria Geral dos Sistemas de Von Bertalanffy, tornaram-se referenciais básicos para este novo campo . Mas foi um antropólogo e biólogo, chamado Gregory Bateson , quem semeou as bases do que mais tarde se dominaria Terapia Familiar Sistêmica .

Em 1952 , Bateson e equipe iniciaram um projeto de pesquisa sobre a comunicação entre os seres vivos, que se focalizou mais tarde na comunicação dos pacientes esquizofrênicos com as equipes , e dos pacientes com seus familiares . Esta pesquisa acabou resultando em uma Teoria , a primeira teoria sobre a gênese da esquizofrenia que não era genética ou intrapsíquica . Trata - se da Teoria do Duplo - Vínculo : um padrão de comunicação repetitivo, que contém ordens contraditórias em diferentes níveis lógicos, e que junto com a impossibilidade do paciente abandonar o campo relacional com a família , estaria na base dos sintomas psicóticos .

À partir destes estudos pioneiros, e com a utilização da metáfora da máquina auto - reguladora , das noções de feed - bach e controle, e das teorias sobre a comunicação humana, começaram a surgir as primeiras escolas de Terapia Familiar de base internacional. Estes trabalhos pioneiros, do final da década de 50, anos 60 e início da década de 70, tinham em comum , além das raízes teóricas , a posição do terapeuta, que se colocava como um observador externo ao sistema , com a tarefa principal de detectar padrões disfuncionais na família, e a prescrição de mudanças nas sequenciais interacionais e / ou nos padrões hierárquicos e de organização . Os conceitos - chave para as terapias deste período foram :

- questionamento dos modelos causais lineares e deterministas .
- família vista como sistema cibernético, onde o sintoma faria parte dos mecanismos de equilíbrio (homeostase)
- transferencia da patologia do indivíduo para a família .

Ao mesmo tempo em que abriu novas possibilidades de atuação terapêutica , a terapia Familiar dos anos 60 e 70 trouxe questionamentos e insatisfações . Até onde o terapeuta tem direito de intervir em um sistema familiar, trazendo um enfoque pré- estabelecido à partir de seus pressupostos de como deveria ser uma família ? O que é uma família normal?

Estes questionamentos vem a reboque da crise do pensamento modernista, que de forma simplificada podemos descrever como sendo baseado na crença do poder ilimitado da ciência e da tecnologia , como chaves para a redenção da humanidade . As guerras , a pobreza , a ameaça de destruição do planeta em uma hecatombe atômica , o desequilíbrio ecológico, tudo isto colocou em cheque a certeza modernista . A Terapia de Família vai mudando, junto com o mundo que já não é mais o mesmo.

Novos aportes filosóficos, as questões da linguagem, a construção conjunta de significados(construtivismo e construcionismo social), as contribuições da nova física e os novos conhecimentos sobre o funcionamento do cérebro e da mente, formam um pano de fundo para o surgimento de novas escolas de Terapia Família , que sem abandonar completamente os pressupostos anteriores, passam a explorar as narrativas dos diversos membros de uma família novas descrições para as histórias familiares, que tragam mais recursos para o funcionamento da família . O Terapeuta deixa de ser um observador externo, um expert em detectar problemas, para se transformar em um articulador , um mediador de conversações , mais preocupado em conhecer como esta família se organiza e opera, quais os significados que são ou não compartilhados por seus membros .

Em resumo, os pressupostos fundamentais para a prática clínica com famílias e casais nos anos 80-90, dentro do que vem sendo denominado

um enfoque construcionista-social , tem sido :

- conversação como resumo central da terapia .
- família vista como um sistema social flexível, composto por pessoas que compartilham significados .
- terapia vista como construção de um contexto para recriação colaborativa, que permita á família mudar versões de história de vidas saturadas de problemas e deficits, e trabalhar na geração e recuperação de alternativas vivenciadas como libertadoras e transformadoras .
- terapeuta e cliente com co-autores de um trabalho, sem a ilusão de uma única verdade conhecida apenas pelo terapeuta .

" A sessão de terapia parece ser antes uma conversação com um especialista em ver mais o lado das coisas, que sabe acompanhar o grupo para que o conjunto família - terapeuta vislumbre a natureza holográfica , de multiplas perspectivas das coisas, ou incorpore ao menos, pontos de vistas alternativos, que permitam resoluções originais para problemas crônicos ..."

(C. Sluzki , 1985)